

A TERRÍVEL DECISÃO DE JOANNE E ROGER PELL

Todos os nomes neste relato
são fictícios, a fim de proteger
a intimidade dos participantes.
O escritor Thomas Morse ajudou o pai
na preparação do artigo

Condensado de GOOD HOUSEKEEPING

JOANNE começou a sentir as dores de parto na tarde de 13 de janeiro de 1970. Quando cheguei a casa, à noite, disse-lhe, de brincadeira, que se tratava do seu «sétimo alarma falso», e ela riu. Eu tinha então 25 anos e Joanne 22. Conhecêramo-nos e casáramos numa cidade grande, e juntos havíamos tomado algumas decisões corajosas, que tinham dado bons resultados. A mais importante de todas fora a de trocarmos a metrópole por uma cidadezinha onde eu pudesse estudar e formar-me. Desejava abandonar o meu emprego de agente de publicidade e dedicar-me a escrever e ao ensino.

À uma e meia da madrugada de

14 de janeiro, meti a minha mulher no carro e levei-a a um hospitalzinho comunitário a cerca de 20 quilômetros da nossa casa. Peter James Pell nasceu às 8,21 e eu assisti ao parto, experiência emocionante pela qual todos os pais deveriam passar.

— Parabéns — felicitou-me o Dr. Whipple. — É menino.

Mas, passados alguns minutos, ouvi-o perguntar à enfermeira se o Dr. Lumbard, um pediatra, estava no hospital. Não estava.

— Chame-o! — ordenou então o Dr. Whipple em tom brusco.

Afastou-se comigo e disse-me que descobrira uma mancha nas costas do bebê.

—Gostaríamos de fazer um exame.

Pensei que se tratasse de uma verruga ou de qualquer erupção. Mas, se fosse apenas isso, porque soara a voz do Dr. Whipple tão rispidamente? Olhamos ambos para o chão quando Joanne foi levada para o quarto, numa maca rolante, e o Dr. Whipple acrescentou:

—Desconfio que o bebê tem espinha bífida, com meningomielocele. — Mas não explicou o significado dessas palavras e disse ignorar a extensão dos danos.

Quando o Dr. Lumbard chegou, levaram o bebê para a enfermaria infantil e, através do vidro, tentei ler, pelo movimento dos lábios, o que diziam os médicos debruçados sobre o meu filho. O Dr. Whipple foi o primeiro a sair.

—Lamento, mas as notícias são relativamente más — anunciou-me. — Venha ao quarto da sua mulher; diremos aos dois ao mesmo tempo.

Segurei na mão de Joanne enquanto o Dr. Lumbard nos comunicava que o diagnóstico do Dr. Whipple parecia estar certo. Espinha bífida com meningomielocele não é um mal de nascença raro, pois ocorre aproximadamente uma vez em 500 partos. Existe uma malformação da medula e dos nervos espinais, e parte daquela encontra-se exposta, sem qualquer camada de osso, músculo ou pele a protegê-la. Isso pode dar origem a diversos graus de paralisia da cintura para baixo, hidrocefalia (líquido no cérebro) e disjunção dos intestinos e da bexiga.

O Dr. Lumbard disse-nos que sentira movimentos nos músculos das coxas do nosso filho, o que era motivo para certo otimismo: embora o bebê nunca viesse a andar normalmente, com tratamento adequado talvez pudesse mover-se com o auxílio de muletas ou de um aparelho ortopédico.

Perguntei qual seria o tratamento, e o Dr. Lumbard respondeu-me que se poderia efetuar uma operação para corrigir a falha nas costas. A hidrocefalia já presente também poderia ser tratada, mas isso não garantiria que ele não fosse retardado mental.

O meu atordoamento foi tão grande que fiquei mudo. Joanne também não disse nada.

—Querem que tratemos o bebê?

—Certamente — respondi, e a minha mulher acenou com a cabeça.

—Alguns pais não querem que tratemos os filhos, em casos como este. Na ausência de tratamento, a meningite sobrevém e o bebê morre.

Senti-me indignado. «Que ideia horrível!» pensei. «É como afogar gatinhos!»

O Dr. Lumbard sugeriu-me que levasse o menino a determinado hospital infantil. Ficava a duas horas de automóvel, e ele telefonaria para lá, avisando.

—É o melhor que existe — acrescentou.

A AMBULÂNCIA partiu às 11,15, e eu ia com meu filho. Os pensamentos que se multiplicavam no

meu espírito quase me enlouqueciam. *Devemos tratar esta criança. Mas que será de nossas vidas? Andaremos com ela de hospital em hospital, em tratamentos e operações, só para mantê-la viva...* Perguntei a mim mesmo até que ponto isso afetaria o nosso casamento... Uma voz acusou-me de egoísmo.

Joanne disse-me, mais tarde, que nessa manhã os seus pensamentos se tinham mantido esperançosos e otimistas. Sabia que, apesar de tudo, amaria o seu filho. Lembra-se de ter pensado que lhe mostraria flores, árvores e as montanhas e quedas de água da região. Talvez Peter tivesse de andar de muletas, mas seria um ser humano lindo, inocente e sensível.

Às 13,15 a ambulância chegou ao hospital, onde um neurocirurgião examinou o bebê. Fez apenas duas perguntas: de onde vinha e que me tinham dito os médicos. Respon-di-lhe lutando desesperadamente para conter as lágrimas. Detestava-me por me sentir tentado a deixar meu filho morrer. «Sejam quais forem as probabilidades», pensei, «trataremos Peter.»

O neurocirurgião explicou-me que o mal era grave.

— Quer que tratemos este bebê?

— Sem dúvida — respondi.

— Ótimo. Acho que é possível tratá-lo.

Pensei: «Está decidido. Eles acham que podem ajudá-lo.» O médico disse-me que, primeiro, gostaria de consultar outros neurocirurgiões.

O neurocirurgião Número Dois pareceu-me um homem muito misterioso. Examinou o bebê e retirou-se. Senti-me novamente arrasado. *Por que não disse nada? Quero os fatos!* Dei-me conta então de que não decidira realmente tratar o meu filho.

O neurocirurgião Número Três pareceu menos técnico e mais humano que os outros. Depois de examinar o bebê, perguntou-me:

— Sabe o que acontecerá a esta criança? — A expressão do seu rosto tornara-se severa, quase zangada.

Disse-lhe o que sabia: a hidrocefalia podia ser tratada, o que não afastaria o perigo de o meu filho ser retardado mental, e talvez conseguisse andar com o auxílio de muletas.

— Disseram-nos que captaram movimentos nos músculos das coxas — concluí.

— Sim, mas são ínfimos e eu duvido que ele venha a andar, mesmo com o auxílio de muletas e aparelhos ortopédicos. O bebê precisará de uma operação, por causa da hidrocefalia, nos próximos dias. Quanto ao retardamento mental, pode ir de nulo a muito grave, mas creio que ocorrerá algum caso no seu filho.

Que podia eu dizer? Que podia fazer ou dizer? Senti-me irritado e na defensiva. O meu bebê *podia* ser capaz de andar, talvez acontecesse um milagre...

— Amamos o nosso filho — declarei. — Seria errado não tratá-lo.

O jovem médico não se mostrou impressionado.

— A malformação do seu filho é especialmente grave — frisou, em tom suave. — Teria de passar anos em hospitais. Além disso, com uma lesão desta amplitude, a bexiga com certeza ficará afetada e será necessária uma operação que lhe dê uma bexiga artificial. Isso significa que terá de usar uma bolsa debaixo da roupa, para recolher a urina. Compreende?

Tive vontade de gritar: *Por que nos aconteceu isto a nós?*

Pensei: «Não aguento tomar esta decisão. Não posso tomá-la!» Perguntei ao neurocirurgião o que faria ele, se fosse o pai.

— Não posso decidir por si — respondeu-me. — Mas acho que seria melhor não tratar este bebê.

Senti-me encurralado.

— Preciso ver minha mulher! — gritei.

— Terá de lhe telefonar e decidir agora — declarou-me o médico. — Se quiserem que tratemos do bebê, teremos de começar imediatamente.

«Oh, meu Deus, terei de fazer isto pelo telefone?» pensei, desesperado. «Isto é de enlouquecer!» Mas o médico chamou um enfermeiro, que me conduziu a um gabinete de onde poderia telefonar a sós. Tinha a certeza de que Joanne se oporia.

JOANNE atendeu o telefone às 14,15. Sua voz tremia.

— As notícias não são boas — avisei-a. — É... é horrível!

Deve ter passado um minuto antes de Joanne conseguir interrogar-me acerca da esperança a que se agarrara com mais desespero:

— Quer dizer... quer dizer que não poderá andar?

— Não, querida. É pior do que nos fizeram crer.

Começou a chorar abertamente.

— Querida, acho melhor... — Calei-me, sem saber como continuar. — Acho melhor não o tratarmos. Quero dizer... que espécie de vida lhe estaríamos dando?

Mais tarde, disse-me que confiou inteiramente em mim e compreendeu que eu tinha razão. Também não ignorava o meu amor nem que desejava o bebê tanto como ela. No entanto, não sabia exatamente o que me tinham dito. Precisava de conhecer os pormenores, mas não queria impor-me o sofrimento de repeti-los. Perguntou-me apenas se lhe dava meia hora para falar com o Dr. Whipple e o Dr. Lumbard. Respondi-lhe que sim.

Poucos minutos depois, o Dr. Lumbard falou com ela. O neurocirurgião telefonara-lhe e informara-o do diagnóstico completo e dos prognósticos. Depois de explicar tudo em termos claros, de leigo, o Dr. Lumbard acrescentou:

— Não podem restar dúvidas: verificaram, pelos exames efetuados, que o caso é muito mais grave do que eu pensava.

— Tem a certeza absoluta de que a decisão acertada é não tratar o meu filho?

— Tenho a certeza.

— Muito bem — resignou-se Joanne, que se recorda de ter falado em tom calmo.

Quando voltei a telefonar, disse-me, com voz trêmula:

— O Dr. Lumbard explicou-me... e eu compreendo. Volte logo, por favor.

Senti-me melhor, quase em paz. Sabia que a decisão era acertada e estava orgulhosíssimo da calma e da coragem da minha mulher. Mais tarde, fiquei sabendo que, depois, ela se desesperara e soluçara pelo seu bebê. Uma enfermeira deu-lhe um sedativo. «Decepçãoi o meu marido», recorda-se de ter pensado enquanto a droga a adormecia. «Não consegui dar-lhe o seu primeiro filho.»

ESTAVA escuro e frio quando regresssei, novamente na ambulância, com meu filho. Joanne e eu seríamos assassinos? Claro que não! Só Deus podia tirar uma vida. Não seria possível que Ele tivesse um objetivo maior para Peter?

Levantei o cobertor, docemente, para olhar o rosto do bebê. Achei-o bonito. Perguntei a mim mesmo se os meus pensamentos acerca de Deus ter escolhido Peter não seriam a Sua maneira de me demonstrar que tomara a decisão acertada.

Batizei o meu filho com o nome de Peter James Pell e depois orei: «Agora o meu filho vai para junto de Deus. Peter, você nos representará no Céu. Voltaremos a encontrar-nos em melhores circunstâncias.» Inclinei-me e beijei-lhe o nariz.

Às 18,15 cheguei ao hospital onde meu filho nascera. Abracei minha mulher, que chorou baixinho. Por insistência sua, deixei-a às 19,30 e fui para casa. Havia 36 horas que não dormia.

Joanne desejou que Peter fosse batizado por um padre. O Reverendo Riviere chegou às oito horas da noite, a enfermeira trouxe o bebê e, depois, Joanne segurou-o durante hora e meia.

— Examinei-o todo — recorda ela — como faria qualquer mãe.

Balançou-o nos joelhos e fez-lhe cócegas nos pés, mas as perninhas não reagiram. Recomeçou a soluçar.

Nessa noite, mais tarde, o Dr. Lumbard disse-lhe que Peter seria isolado e ela não poderia voltar a segurá-lo.

Peter James Pell morreu de meningite no dia 5 de fevereiro de 1970, às 11,25. Tinha 23 dias.

MARCAMOS para 6 de agosto um exame num serviço de orientação genética. Este serviço, novo e pouco conhecido, examina e orienta casais que têm motivos para recear a ocorrência de malformações genéticas na sua futura prole. Joanne e eu pedimos a Deus que o exame demonstrasse haver pouco perigo, mas as notícias não foram boas. No nosso caso, havia uma probabilidade em 10 de que um novo filho fosse igualmente imperfeito. Este risco é pelo menos 10 vezes maior que o corrido por progenitores «normais».

Em 6 de novembro de 1970, o

Dr. Whipple informou Joanne de que estava novamente grávida. Perguntamos se uma análise do líquido amniótico do útero revelaria alguma possível malformação. Responderam-nos que teríamos de confiar na sorte; o gênero de deformidade que temíamos não podia ser diagnosticado por esse processo.

Em 3 de julho de 1971, Joanne deu à luz um menino de 3,800 kg, William Daniel Pell. Bonito, com todas as reações, perfeitamente normal! Nenhuma complicação! Hoje, Joanne e eu compartilhamos uma grande felicidade, feita do nosso

amor mútuo e da nossa gratidão a Deus.

Mas também há mágoa, tristeza por Peter. Estamos satisfeitos por termos compartilhado a sua breve vida conosco. Isso nos faz sentir melhor. Mas às vezes ainda nos perguntamos: «Teremos procedido acertadamente? Tirar uma vida, por muito incompleta ou deformada que seja, não será sempre um assassinato?» Se não tivéssemos agido, talvez Deus tivesse operado um milagre. Mas, por outro lado, também é possível que Deus quisesse Peter junto de Si.»



EM SUAS memórias sobre a guerra na Birmânia, o Almirante Lord Mountbatten contou o truque usado pelo General de Divisão Frank Messervy para transmitir mensagens radiotelefônicas sem que elas fossem interceptadas pelo inimigo.

Messervy escolheu dois oficiais que tinham aprendido francês pelo método tradicional das escolas inglesas. Os dois compreendiam-se razoavelmente em francês, mas, diz Mountbatten, «na verdade, eles o falavam tão mal que nem mesmo um francês os compreenderia, quanto mais os japoneses».

Tiveram êxito total.

— *Paris-Match*



A Boa Lista

AO COMEMORAR as suas bodas de ouro, minha avó explicou aos presentes o segredo da sua felicidade no casamento: «No dia em que me casei, decidi fazer uma lista de 10 dos defeitos do meu marido aos quais não ligaria a fim de preservar o casamento.»

À saída, uma jovem senhora cujo casamento andava meio periclitante, pediu à minha avó que enumerasse alguns dos defeitos a que ela se referira. «Para falar verdade, meu bem», respondeu vovó, «nunca cheguei a fazer a lista. Mas cada vez que meu marido fazia algo que me deixasse furiosa, eu dizia a mim mesma: 'Ainda bem que este faz parte dos dez.'»

— R. M.